

Pop, k-pop e dança tradicional do leque: quando apenas o reconhecimento da cultura corporal não basta

Pedro Xavier Russo Bonetto

No primeiro semestre de 2019, alguns meses antes do recesso escolar do meio do ano algumas alunas dos 4^{os} anos A e B da EMEF Olavo Pezotti vieram conversar com o professor sobre a dança que ele ensaiaria com as turmas para a festa junina, pois estavam acostumadas a se apresentar nessa ocasião. Não demorou e as professoras das turmas também perguntaram sobre os ensaios, aparentemente, estavam sugerindo que o professor de Educação Física era o único responsável pela apresentação.

Conversando com as estudantes, o professor disse que poderia ajudar, mas que tematizariam a dança de forma densa, não faríamos apenas os passos e uma coreografia. Ouvindo a ideia que elas tinham para a apresentação, o professor percebeu que elas gostariam de fazer uma quadrilha junina ao som de funk, também conhecida como quadrilha maluca.

Nessa ocasião, o professor disse que poderia ser algo interessante, perguntou se todas conheciam a dança, se elas gostavam de funk e se achavam que a tematização dessa dança seria algo relevante para os estudos da Educação Física. Lembrou às estudantes que o tema da festa seria “Bailão do Olavo”.

Nesse primeiro momento, o professor realizou atividades que buscaram mapear o conhecimento que as estudantes tinham sobre as danças, bem como o que elas gostavam de dançar fora da escola. Para a sua surpresa, a quantidade de crianças que gostava de funk não era tão grande, em compensação, muitas gostavam de dançar e cantar *korean pop* (música *pop* coreana) ou simplesmente *k-pop*. Observando mais atentamente, o professor notou que as crianças da turma falavam muito sobre *k-pop*, mas poucas sabiam onde era a Coreia, além disso iam com roupas, máscaras, pingentes, pulseiras e revistas dos grupos.

Identificando como um elemento bastante presente na cultura corporal das crianças, sobretudo as meninas, decidimos que ao invés da quadrilha maluca acontecer mesclando funk e quadrilha junina, iríamos misturar passos do *k-pop*.

Dessa vez com a turma inteira na quadra, começamos com um mapa mundial político, observando e indicando onde era o país que tantas diziam gostar. Falamos que havia duas Coreias, uma do Sul outra do Norte, e que provavelmente as artistas que elas

gostavam eram da Coreia do Sul. Mostramos a proximidade com outros países como China, Japão e Filipinas. Logo depois, com uma caixa de som com bluetooth, conectamos os telefones das crianças e elas iam selecionando as músicas de *k-pop* para tocar.

Fotografia 1. Roupas e pingentes dos grupos de *k-pop*



Fonte: Imagem do autor.

Algumas crianças conheciam só os grupos Black Pink e BTS. Outras conheciam muitos outros: TXT, Psy, Twice, EXO, Got7, Mamamoo. Dançamos uma música de cada grupo. Vimos também que algumas alunas sabiam dançar muito bem, ensaiavam com as colegas os passos durante os intervalos das aulas, enquanto a maioria dos meninos da turma afirmavam que não gostavam do ritmo. Conforme as aulas foram acontecendo, o número de meninos nas danças foi aumentando. A discussão que se anunciou inicialmente era relacionada com a dança e questões de gênero: meninos também gostam de *k-pop*? Meninos dançam *k-pop*?

Muitos diziam que sim, que os próprios grupos de *k-pop* eram constituídos por meninos e que eles dançavam muito bem. Outros diziam que não, pois os meninos dos grupos de *k-pop* eram gays e que dançar *k-pop* era “coisa de veado”. Alguns meninos disseram que gostavam um pouco do grupo *Black Pink*, pois era de meninas e elas eram bonitas. O professor perguntou se era necessário gostar de músicas e bandas apenas de pessoas que a gente acha bonitas ou de pessoas que com as quais se tem interesse amoroso. Falou que a partir do que estavam dizendo esse era o único critério. Alguns alunos e alunas concordaram que não poderia ser essa a justificativa para o gosto musical

e que de forma geral admiram as coreografias e algumas danças. Outras meninas diziam que eram apaixonadas e que amavam os cantores.

Fotografia 2. Roupas e pingentes dos grupos de *k-pop*



Fonte: Imagem do autor

Conforme as coreografias e passos de *k-pop* foram acontecendo, começaram a incluir passos de quadrilha junina na dança. As crianças lembravam de “caminho da roça”, “olha a cobra”, “a ponte quebrou”, “o grande baile”, “a grande roda”, entre outros. Quando o professor sugeriu fazer essa parte de duplas de casais, a ideia foi rejeitada prontamente. Nem os meninos, nem as meninas queriam dar as mãos e dançar juntos. Outro problema foi que em determinado momento dois grupos de meninas brigaram, pois queriam músicas e grupos diferentes na elaboração da dança. Um dos grupos ameaçou não participar mesmo depois da intervenção do professor que garantiu que todos e todas poderiam sugerir passos, danças e músicas.

Enquanto os ensaios aconteciam e as crianças compunham a coreografia, o professor perguntava sobre o *k-pop*. Onde aprenderam? As demais pessoas da família também gostavam? Qual era o melhor grupo? Como aprendiam a dançar? Quem era mais fã? Com qual frequência ouviam? Entre outras questões.

Nas duas turmas, as crianças começaram a ir à escola com mais pingentes, camisetas, moletoms e máscaras para mostra-los ao professor e aos colegas. Umas se diziam mais fãs que outras, umas se diziam *Army*, outras *Blink*, *Once*, *Exo-L*. O professor (e outros estudantes) que não conheciam muito, aprenderam que cada fã clube tinha um nome específico: *BTS* (*Boys Beyond the Scene*), da *Black Pink*, *Twice* e *Exo*.

Em uma das aulas, o professor levou o computador, caixa de som e conectou-se à rede de internet da escola. Após assistirem muitos videoclipes, o professor resolveu mostrar às crianças videoclipes de outros cantores *pop*. Viram músicas do Michel Jackson que todos conheciam, inclusive sabiam partes da dança da música Thriller. Poucos conheciam Madonna e Spice Girls, nenhum deles conhecia Dominó e Menudo. A ideia foi demonstrar que mesmo nos anos 1980, 1990 e 2000, a música *pop* e as danças coreografadas já aconteciam no Brasil e no mundo.

Fotografia 3. Aula que foram exibidos videoclipes de *k-pop* e outros cantores e cantoras *pop*



Fonte: Imagem do autor

Diante de tantos conhecimentos sobre a dança que ainda poderiam compor a experiência curricular, o professor convidou alunas do 9º ano que também gostavam muito de *k-pop* para participarem da aula dos 4º anos falando um pouco sobre o tema e depois dançando com a turma. Na aula seguinte duas meninas participaram da aula, em roda, elas contaram como começaram a gostar de *k-pop*, disseram que a sigla inclui diferentes ritmos de música, não necessariamente apenas o *pop* que conhecemos no ocidente. Ampliando o debate, uma das turmas disse que era *Army* e que tinha ido ao show do BTS no estádio. Elas mostraram várias fotos, no show, dançando com a mãe, do palco, do acampamento que frequentou para guardar lugar, entre outras.

Essa aluna também levou uma lanterna chamada *army bomb* que substitui os isqueiros e celulares na iluminação dos shows, além disso sincroniza a música tocada com a cor da luz tornando o espetáculo iluminado e bastante bonito¹.

Fotografia 4. Aula com a participação das alunas do 9º ano do fundamental



Fonte: Imagem do autor

Disseram também que os grupos de *k-pop* ensaiam muito, que eles são contratados por grupos empresariais, que de forma geral possuem muitos grupos. Disseram que o governo incentiva os grupos de *k-pop*, pois divulgam a cultura do país. Também relataram que é comum os artistas serem multados por não se comportarem devidamente e que a disciplina na Coreia do Sul é muito rígida.

Por fim, todas as fãs conheciam a história de um integrante do BTS que em breve teria que sair do grupo por estar na idade de servir o exército, pois na Coreia o serviço militar é obrigatório. As meninas do 9º ano encerraram a participação contextualizando historicamente o *k-pop*, dizendo ter sido criado há mais de 25 anos e que o primeiro grupo se chamava *Seo Taiji and Boys* e que o artista que mais fez sucesso e que expandiu o *k-pop* para o mundo se chamava *Psy*, cantor da famosa música *Gangnam Style*. O papo foi muito interessante, as estudantes do 4º ano adoraram conhecer as colegas, interagiram e também demonstraram que sabiam bastante sobre a dança.

¹ Para mais informações: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/24/bts-a-disputada-lanterna-de-r-250-que-colore-os-shows-do-grupo.htm>

Nesse dia também houve bastante dança, por conta das coreografias que as convidadas ensinaram. No fim, mostraram a coreografia de quadrilha *k-pop* que estavam preparando para a festa junina. Elas elogiaram, sugeriram pequenos ajustes.

Fotografia 5. Dança com a participação das alunas do 9º ano



Fonte: Imagem do autor

Eis que as aulas vão acontecendo, os meses vão passando e por conta de uma reforma na escola a festa junina foi adiada e transferida para o mês de agosto. Até lá, continuaram estudando *k-pop*, mas com a participação cada vez menor dos meninos que insistiam que *k-pop* era coisa de menina e que o ideal era ter aula livre ou de futebol.

Em uma das ocasiões, enquanto alguns meninos dançavam e participavam da coreografia, outros alunos disseram que eles estavam dançando *gay-pop*. A partir daí, deu-se uma enorme confusão, brigas, eles se sentindo ofendidos por terem sido chamados de gays, outros incomodados com a tematização das aulas.

Depois de muita conversa, o professor insistiu na necessidade de permanecer com o tema do *k-pop*, pois ainda não tinham estudado com densidade essa prática corporal e nem experimentado as diferentes formas de se dançar o ritmo. Os alunos já não ligavam quando eram provocados por aqueles que queriam futebol, ainda retrucavam chamando os demais de homofóbicos quando isso acontecia. É importante dizer que antes esta turma tinha feito *parkour* e voleibol e, nessas práticas corporais, o pequeno grupo que insistia em encerrar a temática tinha participado ativamente, deixando a maioria das meninas da turma em uma condição de antagonistas. Agora que o tema não era do interesse deles, faziam de tudo para encerrá-lo. Resistiram!

Voltando do recesso do meio do ano, muitos alunos e alunas não quiseram mais apresentar a coreografia que estavam fazendo na festa junina. Eles e elas disseram também que antes seria uma festa com danças e que depois virou um dia de diversas oficinas (artesanato, plantação, etc.) e que, por isso, muitos não viriam à escola e, assim, resolveram não se apresentar.

Conversaram bastante sobre o ocorrido na festa e a não participação. Os alunos e alunas insistiram para que continuassem e que poderiam ficar somente com o *k-pop*, ou seja, sem a misturá-lo com a quadrilha junina. Nessa semana, uma aluna estagiária de Educação Física acompanhou o trabalho. Por coincidência, ela é dançarina e conhece bem o *k-pop*. Para contextualizar as atividades desenvolvidas no primeiro semestre, o professor solicitou que os alunos e alunas lhe contassem tudo o que tinham realizado sobre o ritmo/dança até o momento. Nessa atividade perguntaram à estagiária se ela era japonesa e se gostava de *k-pop*. A Anne respondeu dizendo que era descendente de chineses e que adorava dançar qualquer coisa, inclusive *k-pop*. Os estudantes perguntaram se ela sabia onde era a China, se era perto da Coreia do Sul, e se havia um *pop* chinês. No fim da aula dançaram apenas o *k-pop*, a fim de demonstrar para a estagiária. Nesse dia, junto com a aula acontecia o recreio das outras turmas ao lado da quadra. Diante do grande interesse despertado pela dança, as estudantes convidaram as crianças do intervalo para participar.

Fotografia 6. Dança com a participação das crianças que estavam no intervalo



Fonte: Imagem do autor.

As aulas estavam avançando, já tinham discutido vários aspectos culturais do *k-pop*, viram onde se localiza a Coreia do Sul, fizeram várias formas de dança, coreografias, danças livres. Avaliando o andamento das aulas, o professor entendeu que seria necessária uma análise aprofundada sobre o *k-pop*, continuando, por exemplo, com a relação deste com o *pop* americano, *pop* brasileiro, bem como a influência da cultura ocidental na Coreia, ou seja, buscando compreendê-lo enquanto artefato cultural híbrido e não como algo puramente da cultura coreana. Outra problematização que o professor entendeu como importante foram os fins mercadológicos e capitalistas dos empresários e produtores, as formas de seleção dos artistas, bem como a organização e controle que esses empresários e o governo coreano exercem sobre os *idols*².

Perceberam a necessidade de tematizar as questões históricas do *k-pop*. Paralelamente, o professor começou a pesquisar sobre esses temas. Em uma das aulas, ele e os estudantes elaboraram coletivamente questões baseadas nas dúvidas e curiosidades que tinham sobre o tema: o *k-pop* foi inventado na Coreia do Sul a partir de quais influências? O que os coreanos dançavam antes de *k-pop*? Será que todos na Coreia do Sul gostam mesmo de *k-pop*? Existe *pop* em outros países da Ásia (China e Japão)? São parecidos? Como são montados os grupos de *k-pop*? É verdade que um artista pode ser demitido de um grupo? É verdade que o governo coreano controla tudo o que os artistas fazem? Entre outras. Depois de elaboradas as questões, o professor solicitou aos estudantes uma pesquisa, que poderia ser feita em casa ou na sala de informática da escola, buscando respondê-las.

Semanas depois, alguns alunos e alunas apresentaram os resultados das pesquisas. O professor propôs uma roda, o grupo leu os achados e vez ou outra aconteceram debates e discussões. Viram que o termo *k-pop* seguia a influência da música *pop* europeia e estadunidense. O termo significava popular ou qualquer música que fizesse sucesso, pois poderia ser algo mais próximo do *rock* ou do *hip-hop*. Os alunos e alunas descobriram com a pesquisa que também existiam *j-pop* (Japão) e *c-pop* (China). Outra informação investigada foi as produtoras que são proprietárias dos grupos e que, dessa forma, podem sim demitir e expulsar alguns artistas caso não cumpram seus “deveres”. Citaram o exemplo os *idols* HyunA e E'Dawn que foram demitidos da produtora quando assumiram publicamente o namoro. A gravadora *Cube Entertainment* alegou quebra de confiança. De forma geral, os estudantes ficaram bastante incomodados ao compreenderem que o

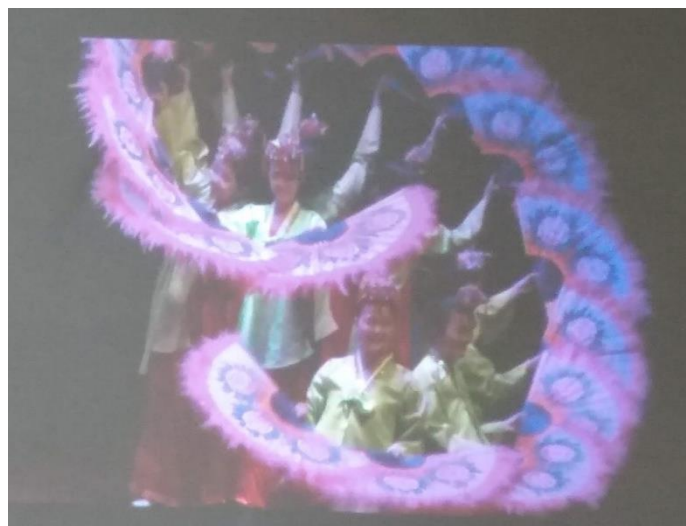
² Ídolos. Forma como as crianças e fãs se referem aos cantores e cantoras.

motivo era banal e que nos contratos havia cláusulas estranhas³, tais como horário de fazer as refeições diferente para meninas e meninos da empresa, proibição de namoros, proibição de sair em casas noturnas, beber, fumar e até de tirar habilitação.

Sobre a participação do governo coreano, os estudantes acessaram uma reportagem que mencionava o apoio dado às produtoras e que inclusive tinha sido criado um departamento de *k-pop* dentro do ministério da cultura coreano. Lendo a reportagem, disseram que “1 a cada 13 turistas citou o *BTS* como motivo de escolher visitar a Coreia do Sul, diz o Instituto *Hyundai*. O turismo total no país triplicou nos últimos 15 anos”⁴. Diante desses novos conhecimentos sobre a dança, o professor fez uma pergunta: “Se vimos que o *k-pop* foi uma criação bastante influenciada pela cultura ocidental (Estados Unidos e Europa), o que será que os sul-coreanos dançavam antes dele ser inventado? ”.

Semanas se passaram sem que os estudantes encontrassem uma resposta satisfatória. Mostrando o resultado de suas pesquisas, o professor exibiu na sala de aula alguns vídeos para os alunos e alunas sobre a chamada dança do leque coreano, 부채춤: *Butche-tchum*.

Fotografia 7. Imagem do vídeo da Dança Tradicional do Leque exibido na aula



Fonte: Imagem do autor⁵

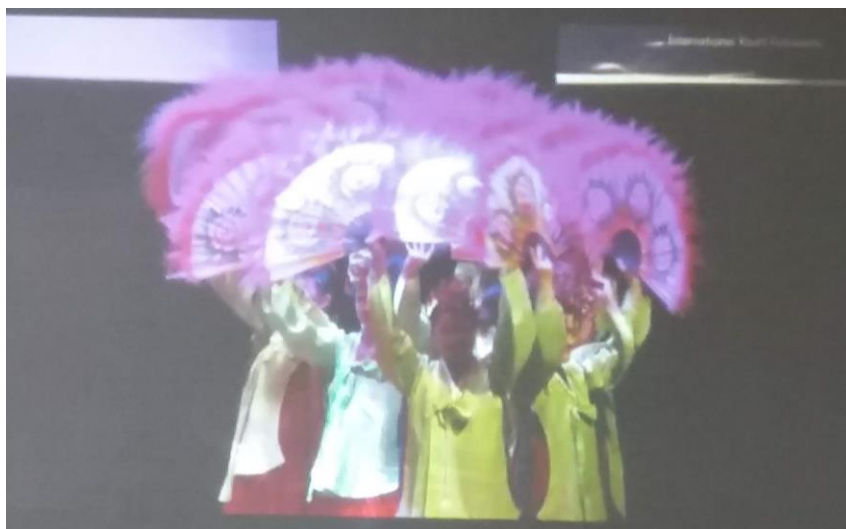
³ Disponível em: <https://www.midiorama.com/grupo-blackpink-e-proibido-por-contrato-de-fazer-seis-coisas-saiba-o-que>. Acesso em 13/08/2019.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>. Acesso em 13/08/2019.

⁵ Disponível em: Acesso em 13/04/2020.

Viram muitos vídeos de apresentações em teatros e parques, com trajes típicos, música instrumental e coreografias bem elaboradas da dança com os lindos leques. O professor citou um texto que dizia que ao longo da dança o objetivo era formar imagens como borboletas, flores e ondas.

Fotografia 8. Imagem do vídeo da dança tradicional do leque exibido na aula



Fonte: Imagem do autor

Ao observarem os vídeos, as crianças disseram: “a dança é bonita, mas a música é chatíssima”, “parece música de meditar”, “a música é ruim, mas a dança é muito legal”, “é muito difícil, como elas conseguem? ”, “os leques ficam lindos”, “é impossível”, “elas são profissionais, impossível fazer isso”.

Fotografia 9. Alunos, alunas e a estagiária confeccionando os leques



Fonte: Imagem do autor

Registrando essas falas, o professor propôs aos estudantes que tentassem dançar a dança tradicional do leque coreano na escola. As crianças riram, disseram novamente que era impossível e que nem leque tinham. Mais uma vez, o professor disse que poderia pedir para a escola comprar os leques, mas que poderiam também confeccioná-los com papel, cartolina, palitos de madeira e cola. Todos toparam.

Na aula seguinte, professor, estagiária, alunos e alunas procuraram modelos de leques e começaram a fazer um par cada criança, usando também papel crepom. Os alunos e alunas queriam fazer exatamente como viram nos vídeos. Buscaram basicamente cartolinas cor de rosa e usaram os palitos para segurar o adereço.

Após quatro aulas, a maioria dos estudantes terminou os leques e começaram a usá-los na dança. Vale destacar que nessa ocasião os meninos também fizeram seu par de leques, a maioria da cor rosa e experimentaram a dança sem nenhum constrangimento, ainda que todos os vídeos apresentassem apenas mulheres dançando.

Fotografia 10. Alunos confeccionando os leques



Fonte: Imagem do autor

O professor colocou a música, as crianças começaram a se organizar, se juntavam, balançavam o leque e demonstravam que não estavam conseguindo reproduzir a dança. Uns gritavam com os outros, corrigiam e mandavam fazer de determinada forma. O professor tranquilizou as crianças, disse que não era para ficar exatamente como tinham

visto, que era esperado qualquer modificação da coreografia e que ao invés de copiar a dança, eles e elas deveriam recriá-la com as possibilidades e interesses que eles e elas tinham.

Fotografia 11. Alunos, alunas e a estagiária Anne dançando



Fonte: Imagem do autor

Durante algum tempo, os alunos e alunas teimavam em criar coreografias fixas, que deveriam ser feitas todas as aulas. O professor avisou que não era necessário, que o objetivo de apenas dançar também fazia parte da aula e dos objetivos da Educação Física. Ensaios e mais ensaios, logo quiseram apresentar para outras turmas da escola a dança do leque que estavam criando. Resolveram dançar no intervalo das aulas para as demais turmas.

Fotografia 12. Alunos e alunas dançando



Fonte: Imagem do autor

De forma geral, é possível dizer que alguns/algumas estudantes conseguiram vivenciar intensamente a dança, buscaram fazer as imagens da natureza, mas também exploraram o leque e recriaram passos e coreografias. Também justificavam que estavam fazendo por conta da cultura sul-coreana e que se tratava de uma prática da cultura corporal que, diferente da dança *k-pop*, pouco se fazia em outras culturas e países.

Dançaram até o final do semestre, alternando a dança do leque com danças com músicas de *pop* americano (Michel Jackson, Madonna), europeu (*Spice-Girls*), brasileiro (Rouge - *Ragatanga*) e *k-pop*.

Por fim, a avaliação da experiência pedagógica chamou atenção para a necessidade de problematizar e adensar os conhecimentos sobre a prática corporal selecionada para estudo. Percebeu-se necessário não apenas trazer para dentro do ambiente escolar as práticas corporais que estão em evidência ou que as crianças têm se apropriado tal como indica um dos princípios ético-políticos do currículo cultural de Educação Física - reconhecer a cultura corporal da comunidade. Pensamos que se o papel da escola é fazer com que as pessoas compreendam melhor o mundo em que vivem, logo, a Educação Física precisa investigar as práticas corporais, buscando problematizar seus aspectos constitutivos, discutindo questões sociais, políticas, econômicas e culturais que se relacionam com a prática corporal. Assim, as crianças precisam não só dançar ou falar de seus grupos ou artistas prediletos, mas também necessitam acessar outros conhecimentos sobre a prática corporal que tanto gostam, possibilitando inclusive que a manifestação seja recriada/ressignificada dentro da escola.